As marcas de Pedro Ferreira

The marks of Pedro Ferreira

Ana Teresa Brito

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/2402>

DOI: 10.4000/cultura.2402

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 Dezembro 2014

Paginação: 141-155

ISSN: 0870-4546

Referência eletrónica

Ana Teresa Brito, « As marcas de Pedro Ferreira », *Cultura* [Online], Vol. 33 | 2014, posto online no dia 20 abril 2016, consultado a 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/2402> ; DOI : 10.4000/cultura.2402

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

As marcas de Pedro Ferreira

The marks of Pedro Ferreira

Ana Teresa Brito

- 1 Esta comunicação baseia-se em grande parte na dissertação de mestrado que realizei, sob a orientação do Senhor Professor Artur Anselmo, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, intitulada “A actividade tipográfica de Pedro Ferreira em Lisboa (1723-1769)”, que defendi em Janeiro de 2009. Na dissertação, procurei reconstituir a biografia e o percurso profissional deste impressor, assim como fazer o levantamento o mais exaustivo possível das obras por ele impressas. A minha atenção não se centrou nas marcas tipográficas, apesar de ter referido numa passagem rápida uma delas.
- 2 Pedro Ferreira, filho de Manuel João e de sua mulher, Antónia Ferreira, moradores em Anaguéis, na freguesia de Almalaguês, bispado de Coimbra, foi baptizado em 4 de Fevereiro de 1686 naquela freguesia. Os seus pais casaram-se na Igreja de S. Tiago de Almalaguês em 25 de Maio de 1671 e tiveram seis filhos: Maria, baptizada em 22 de Maio de 1672, Manuel, em 17 de Fevereiro de 1675, João, em 6 de Março de 1678, Miguel, em 10 de Março de 1680 e, depois de Pedro, em 1686, Francisca, em 2 de Abril de 1690. Foi, portanto, o quinto dos seis filhos.
- 3 São desconhecidas a data e as circunstâncias que levaram Pedro Ferreira a fixar-se em Lisboa, mas pensa-se que antes de 1713 já vivia na capital, porque terá sido por volta deste ano que a sua filha, natural da cidade de Lisboa, aqui terá nascido, na freguesia de São Nicolau. O impressor teria, então, 27 anos.
- 4 Pedro Ferreira foi casado com Maria Teresa, natural do lugar do Paiol, freguesia de Aldeia Galega da Merceana, comarca de Alenquer. Pedro Ferreira e Maria Teresa tiveram, pelo menos, três filhos: João e Carlos Ferreira Baptista, que trabalharam na oficina do pai, e Teresa de Jesus da Conceição. Fruto do casamento desta sua filha com António Rodrigues Beja, sapateiro, nasceu em 1738 um filho, Feliciano António Baptista, que viria a trabalhar na oficina do avô e a ser alvo de um processo na Inquisição de Lisboa, em 1762, por dar ao prelo um romance sem as licenças necessárias.

- 5 Pedro Ferreira faleceu em Lisboa, em 26 de Outubro de 1769, com 83 anos de idade, já viúvo de Maria Teresa, que tinha falecido oito anos antes, no dia 27 de Fevereiro de 1761. Morreu sem ter recebido os sacramentos, porque, como atesta o assento de óbito, “a qualidade da moléstia não deu a isso lugar”. Não fez testamento. Foi sepultado na Igreja de S. José.
- 6 De acordo com a informação que foi possível apurar, Pedro Ferreira não iniciou a sua vida profissional como livreiro ou mercador de livros, como aconteceu com outros impressores, mas no mundo da tipografia, em oficinas de outros impressores, onde terá feito a aprendizagem deste ofício. Sabemos que trabalhou na oficina de António Manescal, localizada na Rua Nova, em Lisboa, por este o ter dito no processo de averiguação que a Inquisição de Lisboa moveu contra Pedro Ferreira, em 1724, que o acusou de ter dado ao prelo sem as licenças necessárias um “papel” que anunciava um certame poético organizado pela Academia dos Aplicados, e que a Prof. Maria Teresa Payan Martins referiu a propósito de António Pedroso Galvão, uma das testemunhas.
- 7 Este incidente na Inquisição no segundo ano de actividade da sua oficina, em 1724, não impediu que Pedro Ferreira viesse a ocupar, ao longo da sua carreira profissional, o cargo de impressor de três entidades distintas. Foi impressor da Corte de Maio de 1730 a Julho de 1731, tendo sido nomeado “por ser pessoa suficiente e capaz para servir no dito ministério”, como se afirma na carta de privilégio; entre Junho e Julho de 1731, acumulou o cargo de impressor da Corte com o de impressor da Província dos Frades de S. Francisco de Portugal; e, depois de seis meses sem ter ostentado nenhum cargo no pé-de-imprensa ou no cólofon das obras que imprimiu (entre Julho de 1731 e Janeiro de 1732), foi nomeado impressor da Rainha, em 1732, cargo que manteve até ao final da sua vida. A nomeação, ocorrida no dia 10 de Janeiro de 1732, ficou a dever-se ao facto de o lugar se encontrar vago, por falecimento do impressor José Lopes Ferreira.
- 8 Quatro anos mais tarde, em 1736, Pedro Ferreira voltou a dirigir-se à Rainha, pedindo-lhe agora que aceitasse o seu filho, João Ferreira, no cargo que ele próprio ocupava, porque Pedro Ferreira dizia que, devido aos “seus anos e achaques,¹ não podia continuar na ocupação, a qual exercitava seu filho João Ferreira, administrando a oficina com boa satisfação”. No dia 4 de Dezembro de 1736, D. Maria Ana de Áustria determina: “Hei por bem fazer-lhe a mercê de o aceitar por oficial de minha Casa no lugar em que servia seu pai para me servir como os mais oficiais dela e gozará de todas as honras, privilégios e liberdades que logram os meus criados.” Apesar da forma verbal “servia”, Pedro Ferreira continuou a ocupar o cargo de impressor da Rainha e a ostentá-lo em todas as publicações saídas dos seus prelos até ao final da sua vida, ou seja, por mais 33 anos.
- 9 Todos os elementos que conseguimos obter acerca de Pedro Ferreira apontam para que este impressor não tenha vivido de forma abastada. Pelo contrário, passou por dificuldades financeiras, e um desses momentos levou-o a contrair um empréstimo, em 1744, junto da Irmandade de Nossa Senhora da Doutrina, uma das irmandades sediadas na Igreja de São Roque, no valor de 200\$000 réis a juro de 6,25%. Relativamente a esse empréstimo, ia pagando anualmente a quantia de 12\$500 réis. Em 1754, dez anos depois, celebrou um novo contrato com a Irmandade da Doutrina. No ano seguinte, ocorreu o terramoto de Lisboa e a situação de Pedro Ferreira piorou.
- 10 No livro de registo de despesa desta Irmandade que diz respeito aos anos de 1762 e 1763, incluído no conjunto documental da Administração do Património da Congregação de Nossa Senhora da Doutrina, pertencente ao fundo do Hospital de São José, e que se

encontra à guarda do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, podemos ler, na rubrica “Despesa com os gastos que se fizeram nos litígios pertencentes à Fábrica”, o seguinte: “Com o caminheiro que foi ao lugar do Outeiro notificar o depositário para trazer os bens à praça na penhora que se fez ao fiador de Pedro Ferreira 1\$600”. Parece, então, que só em 1763 a questão da dívida ficou resolvida, ao que parece com a penhora dos bens do seu fiador.

- 11 A actividade de Pedro Ferreira sofreu bastante com o terramoto de 1755. A oficina, que durante 32 anos tinha estado localizada no Calçado Velho, junto ao Arco de Jesus, na freguesia de São Nicolau, foi transferida, em Janeiro de 1755, para a Rua Nova dos Ferros, frente à Igreja da Conceição Nova, uma das zonas mais afectadas pelo terramoto e pelo incêndio que se lhe seguiu. Pedro Ferreira perdeu todo ou quase todo o seu material tipográfico. Devido aos estragos, viu-se obrigado, durante os dois anos seguintes, a procurar outros locais, agora mais afastados do centro da cidade: foi para o cimo da calçada de Arroios e, mais tarde, para o sítio da Cotovia, por baixo do pombal, na Rua de Nossa Senhora dos Prazeres, até se instalar definitivamente na Calçada da Glória, freguesia de São José, de 1757 até ao final da sua vida. De acordo com os livros da décima existentes, à guarda do Arquivo Histórico do Tribunal de Contas, Pedro Ferreira viveu nessa calçada, numa casa arrendada a João Pedro Xavier Ferrari, pelo menos entre 1762 e 1769. Nos livros da décima relativos à freguesia de São José, refere-se em 1769 que Pedro Ferreira estava doente e, em 1770, o livro informa que o andar se encontrava devoluto. Como referi, Pedro Ferreira tinha falecido em Outubro de 1769.
- 12 Através do levantamento da produção bibliográfica impressa na oficina de Pedro Ferreira, concluímos que a oficina esteve activa durante 46 anos, entre 1723 e 1769, ano da morte do impressor, o que a torna uma das oficinas mais duradouras do século XVIII e, provavelmente, da história da tipografia portuguesa em geral. De acordo com o levantamento bibliográfico realizado, foram impressas nesta oficina, entre 1723 e 1769, pelo menos 648 títulos de livros e folhetos e, para além destes, mais de 1500 números de diversas publicações periódicas, como, por exemplo, a *Gazeta de Lisboa*, o *Anonymo* ou o *Hebdomadario Lisbonense*.
- 13 O ano mais produtivo da oficina foi o de 1753, durante o qual saíram a lume pelo menos 37 livros e folhetos e 154 números de periódicos; o ano menos produtivo foi o de 1769, último ano da sua actividade, durante o qual foram impressos apenas dois livros.
- 14 À semelhança das obras impressas na maioria das outras oficinas tipográficas setecentistas, a maior parte das obras saídas dos prelos de Pedro Ferreira possuía ilustrações modestas, geralmente em madeira: capitulares (Imagens 1 a 6), cabeções (Imagens 7 a 11), vinhetas e ornatos decorativos (Imagens 12 a 19).

FIGURAS 1-6

FIGURAS 7-11

FIGURAS 12-19

- 15 É curioso notar que estas vinhetas e os próprios tipos utilizados eram, por vezes, bem conhecidos dos outros impressores. De facto, no processo de averiguação de 1724, que referi há pouco, o impressor António Pedroso Galvão, quando interrogado como testemunha, atribuiu de imediato a paternidade do “papel” em questão a Pedro Ferreira, porque, segundo lhe parecia, as letras utilizadas na impressão daquele papel eram provenientes daquela oficina. Também, em 1762, no processo que a Inquisição moveu contra o responsável pela impressão clandestina do *Romance heróico por esdruxulos em Louvor de Fr. Domingos de Fontes, e seos conselheiros*, impresso sem indicações tipográficas e sem a menção do seu autor, Miguel Manescal da Costa, impressor do Santo Ofício, quando foi chamado a depor, afirmou de imediato “que parte da letra do dito romance é da oficina de Pedro Ferreira” por nele constarem “duas qualidades de letra, texto e tanásia, as quais lhe não consta haverem em outra oficina”. No entanto, Miguel Manescal da Costa acrescentou que Pedro Ferreira ou consentiu na impressão contra sua vontade ou, mais certo ainda, não devia ter conhecimento dessa impressão. A impressão afinal tinha sido feita, como veio a saber-se depois, pelo neto de Pedro Ferreira, Feliciano António Baptista. Outros casos houve passados com outros impressores em que foi a própria iconografia que serviu para identificar os autores dos delitos.
- 16 Para além destas xilogravuras utilizadas com frequência nas suas obras, Pedro Ferreira recorreu, menos frequentemente, a outras, também relativamente modestas, em madeira ou em metal, geralmente assinadas pelo seu autor. As gravuras mais artísticas que se encontram nas obras impressas por Pedro Ferreira são da autoria dos gravadores Manuel Freire (Imagens 20-21), Bernardo Fernandes Gayo (Imagens 22-24), Jean-Baptiste Michel Le Bouteux (Imagem 25), Guilherme Francisco Lourenço Debrie (Imagens 26-27) e João Silvério Carpinetti (Imagem 28-29). Foi ainda utilizada uma calcogravura de autoria anónima.

FIGURAS 20-21

FIGURAS 22-24

FIGURA 25

FIGURAS 26-27

FIGURAS 28-29

- 17 Não foram muitos os impressores que, em Lisboa, no século XVIII, usaram uma marca tipográfica. Vou referir-me, em primeiro lugar, a uma gravura usada por Pedro Ferreira como marca. Trata-se de uma pequena xilogravura presente em inúmeras obras que imprimiu pelo menos entre 1734 e 1755, na maior parte das vezes nas folhas de rosto, mas também, menos frequentemente, no interior dos livros como mero ornato decorativo. Não tem nada que identifique o impressor: apenas uma imagem e uma legenda. Depois, referir-me-ei a uma gravura marca de outro impressor, mas utilizada por Pedro Ferreira como simples vinheta ornamental.

“In Aeternū non Cōmovebit”

- 18 Esta marca tipográfica (Imagem 30) tem como tema central uma flor, que se mantém imóvel, resistindo ao vento que lhe é soprado da esquerda. Apresenta uma divisa em latim

– “In Aeternũ non Cõmovebit” –, provavelmente adaptada do Livro dos Salmos 111, versículo 6, “quia in æternum non commovebitur”, ou do Livro dos Provérbios 10, versículo 30, “justus in æternum non commovebitur [...]”, e que podemos traduzir como “jamais vacilará” ou “jamais será abalado”.

FIGURA 30

- 19 A mesma inscrição – com a forma verbal *commovebitur*, como nos textos bíblicos – foi também utilizada, em 1702, num emblema, publicado em *Symbolographia sive de arte symbolica sermones septem*, de Jacob Bosch, e representa uma torre, uma fortaleza, que simboliza o refúgio interior do homem, o qual se mantém eternamente invencível.
- 20 Se considerarmos, como refere Hans Biedermann, no seu *Dicionário Ilustrado de Símbolos*, que a flor é, na Bíblia, uma “referência ao que é apazível a Deus” e que é uma figura humana que sopra ar para a flor; e se tivermos em conta que, como referem Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, no seu *Dicionário dos Símbolos*, o sopro humano “está carregado de impurezas e pode sujar aquilo em que toca”, uma interpretação possível é ver a flor da marca tipográfica como símbolo da rectidão e da robustez da alma e o vento como as tentações que estão por todo o lado e às quais não nos devemos vergar.
- 21 Como referi, esta marca foi usada pelo menos durante 21 anos em inúmeras obras de temáticas diversas, entre 1734 e 1755. A título de exemplo, vejam-se as folhas de rosto de algumas delas: *Modello de conversações para pessoas polidas, e curiosas* (Imagem 31), impresso em 1734, e *Relaçam summaria de hum combate, sucedido nos mares de Alicante entre sinco chavecos de guerra hespanhoes, e três arjelinos em 16 de Abril de 1755* (Imagem 32), impressa nesse mesmo ano de 1755.

FIGURAS 31-32

- 22 A partir de 1755, esta marca nunca mais voltou a aparecer, assim como as suas vinhetas e os outros elementos decorativos.

“Ut vivat”

- 23 Esta marca (Imagem 33) apresenta uma situação diferente. Quando usada por Pedro Ferreira, já tinha perdido o seu carácter de marca de impressor, para ser utilizada como simples vinheta decorativa. Assim, antes de ter sido utilizada por ele, já tinha sido usada por outros impressores (Imagem 34). Na base de dados de *Marcas de impresores* da Universidade de Barcelona, disponível e pesquisável *online*, aparece atribuída a Bernardo da Costa, impressor activo em Lisboa em finais do século XVII até pelo menos 1734. Contudo, antes de ser usada por Bernardo da Costa, também já tinha sido usada por outros impressores.

FIGURAS 33-34

- 24 A marca tem como tema a fénix, ave mítica e fabulosa que tem o poder de renascer das suas próprias cinzas, depois de se consumir pelo fogo. A fénix sempre foi uma imagem muito difundida da imortalidade e da ressurreição. A sua origem remonta à cultura egípcia e, para os cristãos, esta ave sagrada é símbolo da ressurreição, ou seja, do triunfo da vida sobre a morte. Nesta marca, a fénix encontra-se voltada para a esquerda, lado em que se encontra o sol, fonte da luz, do calor e da vida. A marca apresenta também a inscrição “Ut vivat” (“Para que viva”), que remete ela também para a vida e para a imortalidade.

- 25 Esta marca aparece em obras impressas em Lisboa, pelo menos, de acordo com os pés-de-impressão das obras, desde 1655. De facto, foi usada pela Officina Craesbeeckiana, por exemplo, em *A verdadeira Nobreza* (Imagem 35), de António de Pinho da Costa, impressa em 1655, e pelo impressor António Craesbeeck de Melo, em *Noticias astrologicas & universal influencia das estrelas, em particular prognostico deste Reyno do anno de 1660*, impressas no ano de 1659, e, mais tarde, em 1671, na *Escola das verdades aberta aos princepes*.

FIGURA 35

- 26 Foi ainda usada, posteriormente, pelo impressor Bernardo da Costa de Carvalho, entre outras obras, no *Seram politico, abuso emendado, dividido em três noytes para divertimento dos curiosos*, impresso em 1723, e na *Breve noticia das entradas que por mar, e terra fizeraõ nesta Corte suas Magestades com os Serenissimos Principes do Brazil, e Altezas, que Deos guarde, em 12 de Fevreyro de 1729* (Imagem 36), impresso neste mesmo ano.

FIGURA 36

- 27 Pedro Ferreira usou esta marca em 1734, na obra *Portugal illustrado pelo sexo feminino* (Imagem 37), não na folha de rosto, mas na última folha do texto, antes do índice. Aparece aqui, não como marca tipográfica, mas como vinheta ornamental.

FIGURA 37

28 **Arquivo da Universidade de Coimbra**

29 Arquivo Distrital de Coimbra, Registos Paroquiais, Almalaguês, Baptismos, Livro 1.

30 Arquivo Distrital de Coimbra, Registos Paroquiais, Almalaguês, Baptismos, Livro 2.

31 Arquivo Distrital de Coimbra, Registos Paroquiais, Almalaguês, Casamentos, Livro 1.

32 **Arquivo Histórico do Tribunal de Contas**

33 Décima da Cidade de Lisboa, S. José, Arruamentos, Livro 544 AR.

34 Décima da Cidade de Lisboa, S. José, Arruamentos, Livro 545 AR.

35 Décima da Cidade de Lisboa, S. José, Arruamentos, Livro 546 AR.

36 Décima da Cidade de Lisboa, S. José, Arruamentos, Livro 547 AR.

37 Décima da Cidade de Lisboa, S. José, Juros, Livro 543 J.

38 Décima da Cidade de Lisboa, S. José, Propriedades, Livro 545 PP.

39 **Arquivo Nacional da Torre do Tombo**

40 Arquivo Distrital de Lisboa, Registos Paroquiais, S. José, Óbitos, Livro 5.

41 Arquivo Distrital de Lisboa, Registos Paroquiais, S. José, Óbitos, Livro 6.

42 Casa das Rainhas, Livro 37.

43 Chancelaria de D. João V, Livro 76.

44 Hospital de S. José, Administração do Património da Congregação de Nossa Senhora da

45 Doutrina, Livro 1355.

46 Hospital de S. José, Administração do Património da Congregação de Nossa Senhora da

47 Doutrina, Livro 1399.

48 Inquisição de Lisboa, Processo n.º 3774.

49 BAÍA, Jerónimo – *Elysabetha Triumphans*. Vlyssipone Occident.: ex Officina Petri Ferreyra..., 1732.

50 BAIÃO, José Pereira – *Portugal glorioso, e illustrado com a vida, e virtudes das bemaventuradas rainhas santas Sancha, Theresa, Mafalda, Isabel, e Joanna*. Lisboa Occidental: na Officina de Pedro Ferreyra, 1727.

51 BELLEGARDE, Abade de – *Modello de conversações para pessoas polidas, e curiosas I parte*. Lisboa Occidental: na Officina de Pedro Ferreira..., 1734.

52 BOSCH, Jacob – *Symbolographia, sive, de arte symbolica sermonens septem*. Augustae Vindelicorum & Dilingae: apud Joannem Casparum Bencard, 1702.

53 *Conclusiones theologicas ad irrefragabilem mentem scoti doctoris mariani, & subtilissimi...* Ulysspone [sic] Occidentali: apud Petrum Ferreira, 1731.

54 COSTA, António de Pinho da – *A verdadeira nobreza*. Lisboa: na Officina Craesbeeckiana, 1655.

55 GAMA, Leonarda Gil da, pseud. – *Reyno de Babylonia, ganhado pelas armas do empyreo*. Lisboa: na Officina de Pedro Ferreira, 1749.

56 *Gazeta de Lisboa*. Lisboa. 1730-1760.

57 GRAÇA, Manuel Coelho da – *Breve noticia das entradas, que por mar, e terra fizeraõ nesta corte suas magestades com os serenissimos principes do Brasil, e altezas, que Deos guarde, em 12 de Fevreyro de 1729*. Lisboa Occidental: na Officina de Bernardo da Costa..., 1729.

- 58 LEAL, Bento de Araújo – *Miscellanea grammatical*. Lisboa Occidēt.: na Officina de Pedro Ferreira..., 1734.
- 59 MASCARENHAS, José Freire Montarroio – *Relaçam summaria de hum combate sucedido nos mares de Alicante entre sinco chavechos de guerra Hespanhoes, e três Arjelinos em 16 de Abril de 1755*. Lisboa: na Officina de Pedro Ferreira..., 1755.
- 60 *O cavalheiro christão: dialogo sobre a vida, virtudes, e acções do Senhor Manoel Jozé Soares de Brito*. Lisboa: na Officina de Pedro Ferreira..., 1761.
- 61 SANTA CATARINA, Lucas de – *Seram politico, abuso emendado, dividido em três noytes para divertimento dos curiosos...* Lisboa: na Officina de Bernardo da Costa, 1723.
- 62 SANTÍSSIMA TRINDADE, Agostinho da – *Promptuario augustiniano, ou despertador diario*. Lisboa Occidental: na Officina de Pedro Ferreira..., 1737.
- 63 SOARES, José Marques – *Divertimento de estudiosos, ou nova compilaçam de bons ditos, e factos moraes, politicos, e graciosos... tomo II*. Lisboa Occidental: na Officina de Pedro Ferreira..., 1740.
- 64 TAVARES, Manuel – *Portugal illustrado pelo sexo feminino, noticia historica de muytas heroínas portuguezas, que floreceraõ em virtude, letras, e armas. Tomo I*. Lisboa Occidental: na Officina de Pedro Ferreira..., 1734.
- 65 BÉNÉZIT, Emmanuel – *Dictionnaire critique et documentaire des peintres, sculpteurs et graveurs*. Paris: Gründ, 1966.
- 66 BIEDERMANN, Hans – *Dicionário ilustrado de símbolos*. São Paulo: Melhoramentos, 1994.
- 67 BRITO, Ana Teresa Guerreiro de – *A Actividade Tipográfica de Pedro Ferreira em Lisboa (1723-1769)*. Lisboa: [s.n.], 2008. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- 68 CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Teorema, 1994.
- 69 MARTINS, Maria Teresa Payan – *A Censura Literária em Portugal nos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2005.
- 70 SOARES, Ernesto – *Evolução da Gravura de Madeira em Portugal, Séculos XV a XIX*. Lisboa: Câmara Municipal, 1951.
- 71 SOARES, Ernesto – *História da Gravura Artística em Portugal: Os artistas e as suas obras*. Lisboa: [s.n.], 1940.
- 72 SOARES, Ernesto – *Subsídios para a História da Gravura em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1927.
- 73 SOARES, Ernesto; LIMA, Henrique de Campos Ferreira – *Dicionário de Iconografia Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1947-1960.
- 74 UNIVERSIDADE DE BARCELONA – *Marcas de impresores* [Em linha]. 1998-2015. [Consult. 10.06.2015]. Disponível na Internet: <http://www.bib.ub.edu/fileadmin/impresores/cerca_spa.htm>.

NOTES

1. Pedro Ferreira tinha, na altura, cerca de 50 anos.

ABSTRACTS

Este artigo apresenta a biografia e o percurso profissional de Pedro Ferreira, impressor activo em Lisboa no século XVIII, e descreve algumas das marcas tipográficas utilizadas nas suas impressões.

This paper presents the biography and the professional path of Pedro Ferreira, a printer who worked in Lisbon in the 18th century, and describes some of the typographic marks used in the books and papers printed by him.

INDEX

Keywords: printer, iconography, typographical mark, 18th century

Palavras-chave: impressor, iconografia, marca tipográfica, século XVIII

AUTHOR

ANA TERESA BRITO

Câmara Municipal de Lisboa.

Arquivista da Câmara Municipal de Lisboa. É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Franceses, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pós-graduada em Ciências Documentais pela mesma Faculdade e mestre em Estudos de Texto (FCSH da Universidade Nova de Lisboa), onde trabalhou com Artur Anselmo.

Archivist (Câmara Municipal de Lisboa). Degree in Modern Languages and Literatures (Portuguese and French Studies,) Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, post-graduation in documentation studies, by the same university and Master in Text Studies (FCSH Universidade Nova de Lisboa), where she worked with Artur Anselmo.